

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
LICENCIATURA

EVERTON PEREIRA DE SANTANA
JONATHAN JOSÉ MARCELINO CAJUEIRO
WALLET SERAFIM DA SILVA

**OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR
PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL**

RECIFE/2024

EVERTON PEREIRA DE SANTANA
JONATHAN JOSÉ MARCELINO CAJUEIRO
WALLET SERAFIM DA SILVA

OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Artigo apresentado ao Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA,
como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em
Educação Física Licenciatura.

Professor Orientador: Jéssica Gomes Gonçalves

RECIFE/2024

EVERTON PEREIRA DE SANTANA
JONATHAN JOSÉ MARCELINO CAJUEIRO
WALLET SERAFIM DA SILVA

OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Artigo aprovado como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Educação Física Licenciatura, pelo Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA, por uma comissão examinadora formada pelos seguintes professores:

Prof.º Me. Jéssica Gonçalves
Professor(a) Orientador(a)

Prof.º Titulação Nome do Professor(a)
Professor(a) Examinador(a)

Prof.º Titulação Nome do Professor(a)
Professor(a) Examinador(a)

Recife, ____ / ____ / ____

NOTA: _____

Dedicamos esse trabalho a nossos pais.

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.”
(Paulo Freire)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
2.1 Deficiência Visual.....	10
2.2 Educação básica no Brasil e a Educação Física	11
3 DELINEAMENTO METODOLOGICO.....	13
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	14
<i>Fluxograma.....</i>	<i>14</i>
<i>Quadro 1.....</i>	<i>15</i>
4.1 Análise e discussões.....	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
REFERÊNCIAS.....	17
AGRADECIMENTOS.....	23

OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Everton Pereira de Santana

Jonathan José Marcelino Cajueiro

Wallet Serafim da Silva

Jéssica Gomes Gonçalves¹

Resumo: Ao entrar em uma sala de aula, muitos professores se deparam com estudantes que aprendem de forma diferente, uns com mais dificuldades que outros. Porém, muitos não estão prontos para lecionar para pessoas com deficiência visual. Durante as aulas de educação física, por exemplo, e surgem questionamentos de como passar determinado conteúdo para aquele estudante. Apesar de a BNCC dar o norteamento dos assuntos a serem abordados durante toda a educação básica, ainda se pode observar dificuldades por parte dos professores em como trabalhar com esse público em específico, e muitas vezes esses acabam sendo excluídos ou com o estigma de se sentir incapaz. Logo, a presente pesquisa tem como objetivo analisar os desafios encontrados na educação física escolar para pessoas com deficiência visual e a possibilidade da inclusão desse público nas aulas. Para tal, realizou-se um estudo de revisão, trazendo levantamentos realizados nas bases de dados PubMed, sciELO. A pesquisa identificou desafios enfrentados por professores de educação física ao trabalhar com alunos com deficiência visual, a falta de recursos e materiais adaptados que possibilitem sua participação nas atividades. Muitos professores encontram dificuldades devido à falta de preparo e formação específica para incluir alunos com deficiência visual. Portanto, é essencial aprimorar a formação e desenvolver recursos adaptados para garantir a inclusão desses alunos nas aulas.

Palavras-chave: Deficiência Visual, Educação Física Escolar, Inclusão.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Michaelis (2008), a palavra deficiência significa insuficiência, ou seja, a pessoa com deficiência seria aquela que é vista como falha e que não é capaz.

Porém, assim como qualquer um, a pessoa com deficiência é capaz de fazer o que desejar, mesmo tendo certas dificuldades (MARCHESAN; CARPENEDO, 2021).

¹ Professora da UNIBRA. Mestre em Educação Física. E-mail para contato: jessica.goncalves@grupounibra.com.

Segundo Tortora e Nielsen (2013), “grande parte do córtex cerebral é dedicada ao processamento das informações visuais”, porém, o indivíduo que não tem a visão, ele acaba usando de outros sentidos para poder realizar suas atividades e assim, acaba criando outras habilidades para substituir aquela visão (GIL, 2000).

De acordo com Gorgatti e Costa (2008), “a deficiência visual é caracterizada pela perda parcial ou total da capacidade visual, em ambos os olhos, levando o indivíduo a uma limitação em seu desempenho habitual.”. E a perda parcial da visão, significa incapacidade de conseguir enxergar os dedos das mãos há 3 metros (PACITTI, 2022).

Além de ser classificado como pessoa de baixa visão ou pessoa cega, tem a classificação esportiva que classifica a pessoa de acordo com o seu grau de deficiência, visando às finalidades competitivas (GORGATTI; COSTA, 2008).

Apesar de, na atualidade, ainda ter preconceitos com esse público, houve um avanço muito grande por conta da tecnologia. Na antiguidade, há muitos registros que dizem sobre sacrificar a criança que nasceu com deficiência, pois entendiam como um castigo por causa de algum pecado, e relatos de abandono de adultos que ficavam cegos (GIL, 2000).

Já na idade média, usava a cegueira como punição para crimes. Mais tarde, surgiram meios para facilitar a mobilidade e a educação, como cães-guia que eram treinados para isso, a bengala que permitiu ser os olhos através de um bastão, os pisos táteis que permitiam mostrar a direção e o surgimento da escrita como o braile (SILVEIRA, 2009).

A deficiência visual pode ser congênita que existe desde o nascimento ou adquirida ao longo da vida. Quando é adquirida, pode ser através de traumatismo ou até mesmo por causa de alguma doença como a diabetes (SILVEIRA, 2009).

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010), trás dados que aponta que, no Brasil, 18,6% da população tem algum tipo de deficiência visual, existem em média 6,5 milhões de pessoas com deficiência visual severa, sendo que 506 mil apresentam-se com a perda total da visão (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2017).

Porém são números que poderiam ser reduzidos pela metade se fossem adotadas medidas para prevenir nas áreas da educação e saúde (GIL, 2000).

Mesmo com os avanços tecnológicos e todas as informações disponíveis ao alcance de todos, é possível observar que ainda se tem dificuldades para a inclusão desse público (LOURENÇO, 2020).

A educação física escolar desempenha um papel fundamental na promoção da inclusão e participação de todos os alunos, independentemente de suas habilidades ou limitações (MARTINS, 2018).

No entanto, para indivíduos com deficiência visual, essa participação enfrenta uma série de desafios únicos que vão além da mera adaptação de atividades. Como observado por Santos et al. (2019), os desafios enfrentados pela educação física escolar na inclusão de alunos com deficiência visual exigem não apenas a adaptação de atividades, mas também o desenvolvimento de estratégias pedagógicas que promovam a participação ativa e a autoconfiança desses alunos. Esses desafios não se limitam apenas à esfera física, mas também abrangem questões emocionais e sociais.

Conforme destacado por Lima et al. (2021), a educação física escolar para alunos com deficiência visual enfrenta desafios únicos que vão desde a adaptação de espaços e materiais até a promoção da autonomia e da autoestima desses alunos.

A deficiência visual pode ocorrer desde o nascimento, como também adquirindo ao longo da sua vida e, na maioria das vezes, é irreversível (MONTEIRO, 2019).

E por falta de preparo com esse público, acaba que a sociedade exclui como se a pessoa não fosse capaz de realizar alguma atividade, como se não fosse capaz de ser útil para a sociedade (NASCIMENTO, 2019).

Essa exclusão começa de casa, quando os pais ou responsáveis, que tem filhos com deficiência, acham que devem está fazendo tudo para seu filho, reafirmando a ideia de que seu filho nunca será capaz de realizar seus afazeres sozinhos (AGUIAR; MORAIS, 2021).

Quando chegam às ruas, encontram mais desafios, a ausência de acessibilidade é visível, e isso impede que essa pessoa tenha acesso a alguns direitos como, por exemplo, o de ir e ir (SILVA, 2021).

Esse não é o único direito que acaba se perdendo, a educação também é um desafio para os estudantes e seus professores. O braile veio para ajudar na sala de aula e auxiliar na comunicação dos cegos e alguns professores utilizam da criatividade para ensinar em suas aulas, utilizando do relevo para facilitar a visualização (NASCIMENTO, 2019).

Porém, a aula de educação física ainda continua sendo dificultosa para os professores. Muitos profissionais têm medo de deixar os estudantes que são cegos

de participar das aulas principalmente práticas, vitimiza demais o estudante e acaba excluindo (LUIS, 2019).

No caso da acessibilidade, vemos uma falta de estrutura, já na escola vemos uma falta de conhecimento desse professor, o que faz ele está excluindo esse público das suas aulas (LUIS, 2019).

Outras vezes expõe esse estudante a situações que coloca ele em riscos, como colocar ele para jogar voleibol. Saber como fazer para passar o conteúdo de educação física para todos, de forma inclusiva e segura é importante para o desenvolvimento de qualquer aluno (HAEGELE; ZHU, 2017).

Logo, o presente trabalho tem por objetivo analisar através da literatura, as maiores dificuldades dos professores nas aulas de educação física escolar para pessoas com deficiência visual, compreendendo e identificando as percepções e possibilidades dos alunos com deficiência visual nas aulas de educação física.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 DEFICIÊNCIA VISUAL

A visão é um processo complexo que começa quando a luz entra no olho através da córnea, passa pela pupila e pela lente, e é focalizada na retina. Na retina, células fotorreceptoras, como cones e bastonetes, convertem a luz em sinais elétricos, que são transmitidos ao cérebro pelo nervo óptico. É no cérebro que esses sinais são interpretados e formam uma imagem visual (NORA et al., 2012).

Conforme o estudo clássico de Cajal (1892) afirma que a retina desempenha um papel fundamental na transformação de estímulos visuais em impulsos neurais.

Além disso, estudos mais recentes de Xiong et al. (2021) destacam a complexidade do processamento neural na formação da imagem visual.

A perda de visão pode ocorrer por vários motivos. Por exemplo, a Degeneração Macular Relacionada à Idade (DMRI) afeta a mácula, parte central da retina, levando a danos nos fotorreceptores e distorção da visão.

Estudos, como o de Rosenfeld et al. (2020), destacam os avanços recentes no tratamento da DMRI com terapias antiangiogênicas. Outra condição, o glaucoma, danifica o nervo óptico, afetando a transmissão dos sinais visuais ao cérebro.

Quigley e Broman (2019) relataram que o glaucoma pode levar à perda de campo visual e cegueira se não tratado. Além disso, estudos de Yang et al. (2020) ressaltam a importância do controle da pressão intraocular no manejo do glaucoma.

Sobre as causas, existem duas formas de ser um deficiente visual, uma delas é já nascendo com ela, ou seja, de forma congênita, ou adquirindo ao longo da vida.

Traumas oculares e algumas doenças podem resultar na perda dessa visão, por exemplo, a diabetes que pode causar alterações na visão, catarata que causa embaçamento e outros sintomas, conjuntivite, albinismo que tem redução na pigmentação da íris e causa sensibilidade, glaucoma que é o aumento da pressão intra-ocular, sífilis, toxoplasmose, descolamento da retina, sarampo e entre outras (CRÓS et al, 2006).

2.2 EDUCAÇÃO BÁSICA NO BRASIL E A EDUCAÇÃO FÍSICA

A educação é um dos sistemas mais complexos que existe no país. Ela é um direito de todos e dever do Estado e da família, ou seja, é obrigação do estado ofertar a educação para que todos possam ter uma formação comum e a partir daí exercer sua cidadania ou utilizar dessa formação para estudos posteriores (SILVA, 2020).

Porém, mesmo sendo obrigatório, vemos que se não fosse a rede privada, seria algo complicado de acontecer, igual o nível superior que vemos que não tem vagas para todos, pois existem 27 estados e mais de 5.500 municípios para poder ofertar essa educação (SILVA; LUANA ROSE, 2014).

Fora isso, a verba destinada para educação é pouca e acabamos vendo vários problemas por conta disso, como a falta de estrutura das escolas. A educação básica é dividida em três etapas que são a educação infantil, o ensino fundamental e ensino médio (CURY, 2002).

Muitos pensam que não é do professor de educação física a função de trabalhar com a educação infantil, porém o professor pode sim assumir a educação infantil (BRASIL, 2005).

A educação infantil atende crianças de zero a cinco anos e onze meses e nela os conteúdos que devem ser ministrados são divididos por campos de experiências que são cinco: o eu, o outro e o nós; corpo, gestos e movimentos; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; e espaço, tempo, quantidades, relações e transformações (TORTORA, 2013).

Já o ensino fundamental é uma fase de transição onde a criança se torna um adolescente e com essa fase vem vários conflitos por conta das mudanças que essa criança sofre nesse processo (TORTORA, 2013).

Além disso, a educação física no ensino fundamental é dividida em seis unidades temáticas que são: brincadeiras e jogos, ginásticas, esportes, danças, lutas e práticas corporais de aventura (YANG, 2020).

A unidade temática de brincadeiras e jogos são para estudantes do 1º e 2º ano (da cultura popular presentes no contexto comunitário e regional), 3º, 4º e 5º ano (populares do Brasil e do mundo e de matriz indígena e africanas) e 6º e 7º ano (jogos eletrônicos) (COSTA, 2021).

A unidade temática de ginástica são para os estudantes 1º, 2º, 3º, 4º e 5º ano (ginástica geral), 6º e 7º ano (ginástica de condicionamento físico) e 8º e 9º ano (de condicionamento físico e de conscientização corporal) (COSTA, 2021).

A unidade temática de esportes é para estudantes do 1º e 2º ano (de marca e de precisão), 3º, 4º e 5º ano (de campo e taco, rede/parede e de invasão), 6º e 7º ano (de marca, precisão, invasão e técnico- combinatório) e 8º e 9º ano (de rede/parede, campo e taco, invasão e de combate) (COSTA, 2021).

A unidade temática de dança é para estudantes do 1º e 2º ano (do contexto comunitário e regional), 3º, 4º e 5º ano (do Brasil e do mundo e de matriz indígena e africana), 6º e 7º ano (urbanas) e 8º e 9º ano (de salão) (COSTA, 2021).

A unidade temática de luta é para estudantes do 3º, 4º e 5º ano (do contexto comunitário e regional e de matriz indígena e africana), 6º e 7º ano (do Brasil) e 8º e 9º ano (do mundo) (COSTA, 2021).

Para finalizar, a unidade temática de práticas corporais de aventura é para estudantes do 6º e 7º ano (urbanas) e 8º e 9º ano (na natureza) (CASTRO, 2019).

O ensino médio se trata da consolidação e aprofundamento dos conhecimentos aprendidos ao longo de toda educação básica (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2017).

3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Foi realizado um estudo de natureza qualitativa, já que a pretensão não é de quantificar os dados, mas analisá-los os sentidos e significados. Conforme Minayo (2010) a pesquisa qualitativa:

Se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001).

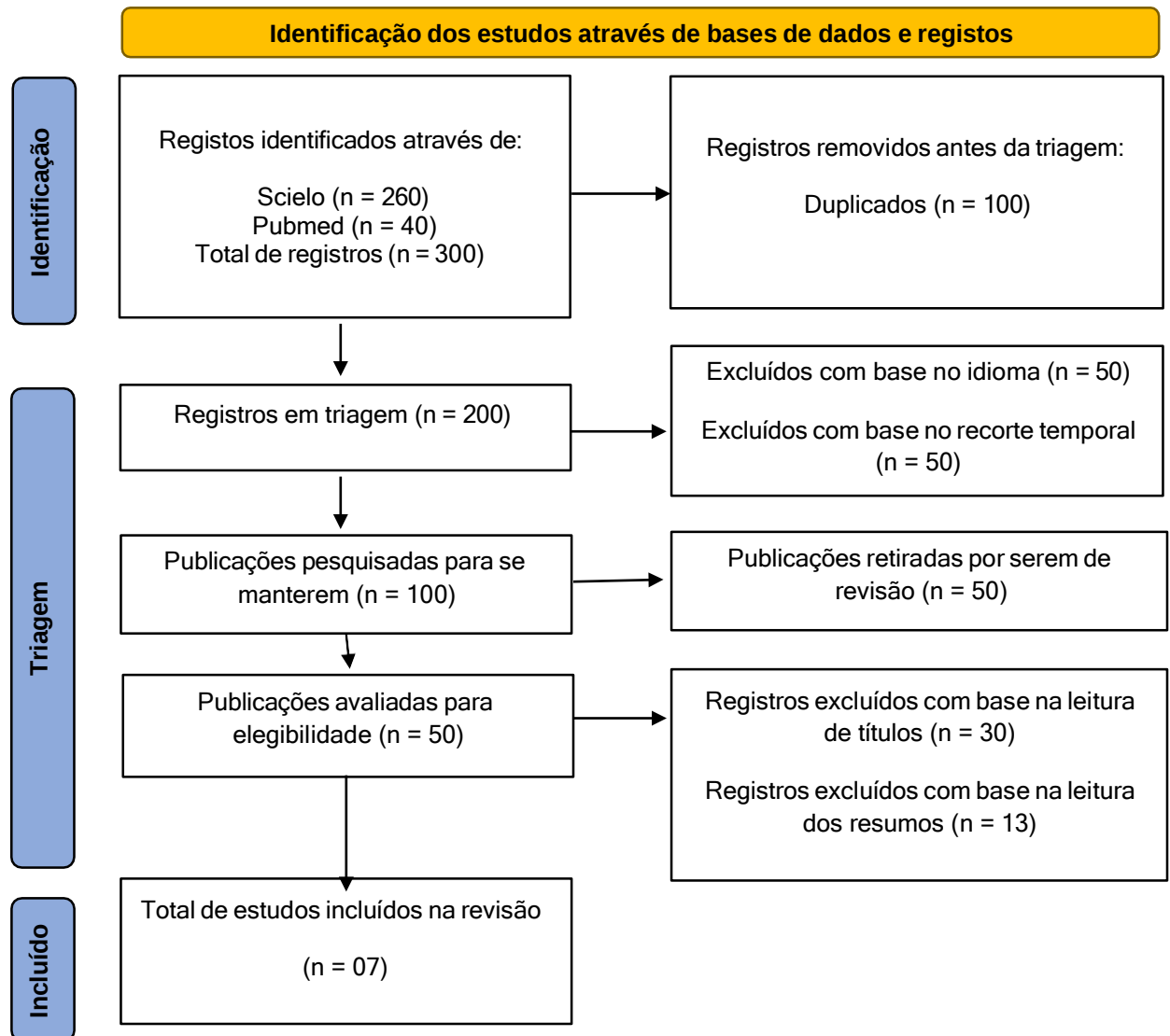
Foi realizada uma pesquisa bibliográfica para identificar estudos que tratam do tema investigado. Esse tipo de pesquisa é elaborada por meio de trabalhos já executados por outros autores, cujos interesses conferidos; eram os mesmos. Gil (2010) aponta as suas vantagens afirmando que:

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados senão com base em dados secundários (GIL, 2010).

Para conhecer a produção do conhecimento acerca dos desafios da educação física escolar para deficiência visual, foi realizado um levantamento bibliográfico nas bases de dados eletrônica Scielo, Pubmed. Como descritores para tal busca, foram utilizados os seguintes descritores: Deficiência visual, Educação Física Escolar, Inclusão, e os operados booleanos para interligação entre eles foram: AND e OR. Os critérios de inclusão do uso dos artigos foram: 1) estudos publicados dentro do recorte temporal de 2002 a 2024; 2) estudos com conteúdo dentro da temática estabelecida; 3) artigos na Língua Portuguesa (ou outro idioma); 4) artigos originais. Os critérios de exclusão do uso dos artigos foram: 1) estudos indisponíveis na íntegra; 2) estudos com erros metodológicos; 3) estudos repetidos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Figura 1 Fluxograma de busca dos trabalhos



Quadro 1: Resultados encontrados nos levantamentos bibliográficos.

AUTORES	OBJETIVOS	TIPO DE ESTUDO	POPULAÇÃO INVESTIGADA	INTERVENÇÃO	RESULTADOS
Silva et al. (2011)	Analisar as concepções dos professores de educação física sobre a participação de alunos com deficiência visual em práticas relacionadas à educação física.	Experimental.	9 professores de Educação Física	Para coleta dos dados foi realizada uma entrevista pessoal semi-estruturada..	A análise das entrevistas permitiu identificar três importantes aspectos do pensamento dos professores a respeito da inclusão de alunos com deficiência visual em práticas relacionadas à educação física escolar: capacitação, estrutura e o aluno com deficiência.
Gorgatti (2005)	Avaliar aspectos da aptidão física de 24 adolescentes cegos e sua percepção sobre as aulas de educação física	Descritiva	24 adolescentes e 90 professores de educação física	Foram levantadas características dos sujeitos envolvidos sem a interferência do pesquisador.	Em relação aos testes de aptidão física, os alunos de escolas especiais apresentaram melhores resultados e evolução em quase todas as variáveis avaliadas.
Costa et al. (2017)	Analisar e descrever as adaptações nos elementos base do currículo comum, empregadas por professores de Educação Física voltadas à participação de estudantes com deficiência visual.	Qualitativa	3 professores de Educação Física e 4 estudantes com deficiência visual.	Os dados foram coletados por meio de técnicas de observação sistemática e entrevista semiestruturada.	Os resultados evidenciaram a escassez e até mesmo a inexistência de adaptações curriculares voltadas às necessidades dos estudantes com deficiência visual nas aulas de Educação Física.
Monteiro et al. (2019)	Incluir um aluno deficiente visual nas aulas de Educação Física.	Experimental	1 aluno com deficiência visual.	Trabalho feito em parceria com um colégio no Rio de Janeiro.	Ao final do ano letivo, apesar das dúvidas durante a caminhada, foi possível verificar a efetiva inclusão do aluno que obteve significativos avanços em sua corporeidade.

Miranda (2021)	Investigar quais são os desafios da educação física escolar na inclusão de pessoas com deficiência visual	Descritivo e Qualitativo	A pesquisa foi composta por 67 professores de educação física do Estado de São Paulo.	A intervenção foi realizada através de questionários aos próprios Professores, onde foi executado uma série de perguntas para discutir alguns assuntos relevantes para área de educação especial	Os resultados mostram que 56,7% dos professores não tinha especialização em educação física especial.
Ferreira et al (2020)	Analisar a inclusão nas aulas de Educação Física Escolar na concepção dos alunos com deficiência visual.	Descritivo e Qualitativo	A pesquisa foi composta por 10 professores entrevistados das instituições da rede pública e privada em São José do Rio Pardo/SP.	A intervenção foi realizada através de questionários aos próprios Professores, referentes a inclusão do aluno com deficiência visual em sala de aula.	Através dos relatos dos professores notou-se uma carência de acessibilidade e nas escolas, e os professores de Educação Física sabem que precisam de mais conhecimento para oferecer uma educação inclusiva para alunos com deficiência visual
Martins et al. (2018)	Identificar relações entre formação universitária e as habilidades docentes necessárias para o êxito da inclusão de crianças com deficiência na educação física escolar.	Qualitativo	32 professores do ensino fundamental e médio.	Aplicação de um questionário semiestruturado de sete questões.	Os resultados mostram que apenas 31,2% dos professores deixam o ensino superior sentindo-se preparados para enfrentar a realidade inclusiva.

4.1 ANÁLISE E DISCUSSÕES

Gorgatti (2005) realizou um estudo com o objetivo de avaliar a aptidão física dos alunos adolescentes cegos e para isso contou com 24 alunos, sendo eles 12 de escolas regulares e 12 de uma escola especial.

O estudo do autor referido acima, contou também com a percepção dos alunos com deficiência visual sobre as aulas de educação física e a análise de 90 professores de educação física com relação à inclusão dos alunos com deficiências nas escolas regulares.

O resultado desta pesquisa mostrou que as maiores preocupações foram sobre a falta de preparo e a escassez de estrutura da escola para receber de forma adequada os alunos com deficiência. No que se refere aos testes de aptidão física, os alunos da escola especial apresentaram resultados superiores e uma melhor evolução em praticamente todas as variáveis pesquisadas.

No estudo apresentado por Monteiro et al. (2019) demonstrou que a inclusão de todas as adversidades é um dos reais desafios da educação na atualidade. O autor chegou a essa conclusão após um relato de experiência de um aluno com deficiência visual, onde o objetivo era incluí-lo nas aulas de educação física.

Ao final do ano letivo, apesar das dúvidas durante a caminhada, foi possível verificar a efetiva inclusão do aluno que obteve significativos avanços em sua corporeidade. Este estudo ocorreu em um colégio Federal do município do Rio de Janeiro.

Martins et al. (2018) também fala sobre este tema em seus estudos, no qual teve o grande objetivo de identificar relações entre formação universitária e as habilidades docentes necessárias para o êxito da inclusão de crianças com deficiência na educação física escolar.

E nesta pesquisa, eles contaram com 32 professores do ensino fundamental e médio, que tiveram que responder um questionário semiestruturado de sete questões, sendo quatro fechadas e três abertas.

Os resultados mostraram que dentre os entrevistados, apenas 31,2% dos professores deixam o ensino superior sentindo-se preparados para enfrentar a realidade inclusiva, considerando a formação acadêmica suficiente para sua atuação.

No estudo de Miranda (2021), realizado com 67 professores de Educação Física em São Paulo, 56,7% não possuíam especialização em Educação Especial e 62,7% se sentiam despreparados para incluir adequadamente alunos com deficiência visual. Os resultados destacam a necessidade de formação e capacitação para garantir a inclusão e a qualidade no ensino.

O estudo de Ferreira et al. (2020) aponta que os principais desafios para a inclusão de alunos com deficiência visual na Educação Física são a falta de cursos, de equipamentos adequados nas escolas e de capacitação profissional.

Dos professores entrevistados, apenas três demonstraram interesse em receber alunos com deficiência visual. Dois concordaram parcialmente com a inclusão, enquanto cinco mostraram forte resistência à presença desses alunos em suas turmas.

Para Costa et al. (2017) enquanto componente curricular obrigatório do ensino básico, a educação física deve possibilitar aos estudantes com deficiência o acesso ao currículo comum.

O autor acima realizou uma pesquisa com o objetivo de analisar e descrever as adaptações nos elementos base do currículo comum, empregadas por professores de educação física, voltadas à participação de estudantes com deficiência visual.

Os dados foram coletados por meio das técnicas de observação sistemática e entrevista semiestruturada. Os resultados obtidos nessa pesquisa evidenciaram a escassez e até mesmo a inexistência de adaptações curriculares voltadas as necessidades dos estudantes com deficiência visual nas aulas de educação física.

A educação física representa um importante meio para o desenvolvimento global do aluno com deficiência, por proporcionar o reconhecimento dos limites e possibilidades do corpo junto ao convívio social (SILVA et al., 2011).

No estudo apresentado pelo autor referido acima, os professores apesar de conscientes do processo de inclusão, possuem dúvidas sobre suas implicações e articulação de seus conhecimentos para atuar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notório que os processos de inclusão frequentemente causam muitas dificuldades e desconfortos, além de ser o caminho mais difícil a ser trilhado numa Educação Física que, historicamente, e muitas vezes na atualidade, é seletiva e excludente.

Entretanto, ainda que nem todas as tentativas de inclusão sejam bem-sucedidas, é importante compreender que tais dificuldades não devem ser encaradas como barreiras intransponíveis. Ao contrário, devem ser vistas como oportunidades para repensar práticas, superar preconceitos e criar ambientes educacionais mais inclusivos e acessíveis para todos os alunos.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Mariana Pinheiro Pessoa de Andrade; MORAIS, Normanda Araújo de. Processos de resiliência familiar vivenciados por famílias com uma pessoa com deficiência. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 21, n. 3, p. 1-16. 2021.

ALONSO, Edison Montenegro; CARVALHO, Camila Lopes de; ARAÚJO, Paulo Ferreira de; SALERNO, Marina Brasileiro. Inclusão na educação física escolar na concepção dos escolares com deficiência visual. **Conexões: Educação Física, Esportes e Saúde**, Campinas SP, v.18, p. 1-17, jul. 2020.

Brasil. Lei nº 11.126, de 27 de junho de 2005. Dispõe sobre o direito do portador de deficiência visual de ingressar e permanecer em ambientes de uso coletivo acompanhado de cão-guia. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/l11126.htm. Acesso em: 17 de mar. 2024.

CAJAL, Santiago Ramon y. **La rétine des vertébrés**. Lierre: Typ. de Joseph van In & Cie., 1892.

CASTRO, Oliveiros Barone. **Relações entre percepção auditiva e orientação e mobilidade em um grupo de pessoas com deficiência visual usuárias de cão guia**. 2019. Dissertação (Mestrado em fonoaudiologia) - PUC, São Paulo, 2019.
Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/22132/2/Oliveiros%20Barone%20Castro.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2024.

COSTA, A. L.; PEREIRA, M. R. Sinais sonoros de trânsito: uma análise da percepção dos usuários com deficiência visual. **Revista de Engenharia de Transportes**, v. 29, n. 2, p. 89-102. 2021.

COSTA et al. **Adaptações curriculares nas aulas de educação física envolvendo estudantes com deficiência visual**. 2017.

CRÓS, Chimênia Xavier et al. Classificações da deficiência visual: compreendendo conceitos esportivos, educacionais, médicos e legais. **Revista digital**, Buenos Aires, n.93, p. 1-5, fev. 2006.

CURY, Carlos Roberto Jamil. A educação básica no Brasil. **Educ. Soc.**, Campinas, v.23, n. 80, p. 168-200, set. 2002.

FERNANDES, A. S. et al. Estratégias de orientação e mobilidade para pessoas cegas: um estudo de caso. **Revista de Saúde Pública**, v. 54, p. 1-12. 2020.

FERREIRA, João Pedro Callegari et al. O profissional de educação física frente ao deficiente visual no cotidiano escolar. São João do Rio Pardo, SP: Faculdade Euclides da Cunha; Piracicaba, SP: Universidade Metodista de Piracicaba, 2020. v. 22, p. 5-6.

FURTADO, Otávio Luis Piva da Cunha et al. A participação de jovens com deficiência visual em aulas de educação física: experiências na rede regular e em instituições especializadas. **Pensar a Prática**, Goiânia, v.22, p. 1-12. 2019.

GIL, Marta. **Deficiência visual**. Brasília: MEC. Secretaria de Educação a Distância, 2000.

GORGATTI. **Educação física escolar e inclusão**: uma análise a partir do desenvolvimento motor e social de adolescentes com deficiência visual e das atitudes dos professores. 2005.

GORGATTI, Márcia Greguol; COSTA, Roberto Fernandes. **Atividade Física Adaptada**: Qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais. 2.ed. São Paulo: Manole, 2008.

HAEGELE, Justin A.; ZHU, Xihe. Experiences of individuals with visual impairments in integrated education: a retrospective study. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, p. 1-11, jul. 2017.

INÁCIO, Carlos Daniel da Silva; RAPHAEL, Giovanni Paschoal. Bengala eletrônica para pessoa com deficiência visual. **Revista Alomorfia**, Presidente Prudente, v. 5, n. 1, p. 220-234. 2021.

JÚNIOR, Paulo Henrique Rezende Macedo; VITA, Stefano Schwenck Borges Vale. Construção de uma bengala guia orientada por sensores. **UNIUBE**. 2023.

LIMA, A. B. et al. Adaptações e estratégias na educação física escolar para alunos com deficiência visual. **Revista Brasileira de Educação Especial**, [S.l.], v. 15, n. 3, p. 78-92, 2021.

LIMA, E. M; SANTOS, R. L. A importância do braille na educação de pessoas cegas. **Revista Educação Inclusiva**, v. 15, n. 2, p. 78-90. 2019.

LOURENÇO, Erica A. Garrutti de et al. **Acessibilidade para os estudantes com deficiência visual**. São Paulo: Coleção Deficiência Visual, 2020. *E-book*. Disponível

em: <https://acessibilidade.unifesp.br/images/PDF/Ebook-Colecao-DV01-2020.pdf>. Acesso em 18 mar. 2024.

MARCHESAN, Andressa; CARPENEDO, Rejane Fiepke. Capacitismo: entre a designação e a significação da pessoa com deficiência. **Revista Trama**, v. 17, n. 40, p. 45-55. 2021

MARQUES, P. H.; ALMEIDA, M. L. A importância da bengala na mobilidade do deficiente visual. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.24, n.3, p. 421-434. 2018.

MARTINS et al. **Inclusão de pessoas com deficiência na educação física escolar: um desafio possível ou utopia?**. 2018.

MICHAELIS. **Dicionário escolar Língua Portuguesa**: nova ortografia conforme o acordo ortográfico da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2008.

Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 5 mar. 2024.

Ministério da Educação. Deficiência Visual. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/deficiencia-visual>. Acesso em 5 mar. 2024.

MIRANDA, T. V. de. Educação física e deficiência visual: **desafios e alternativas**. *Cenas Educacionais*, [S. l.], v. 4, p. 4-7, 2021.

MISKALO, Adriana Ligia; CIRINO, Roseneide Maria Batista; FRANÇA, Denise Maria Vaz Romano. Formação docente e inclusão escolar: uma análise a partir da perspectiva dos professores. **Boletim de conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 14, n. 41, p. 516-536. 2023.

MONTEIRO et al. **O desafio da inclusão de um aluno com deficiência visual (cego) nas aulas de educação física**: um relato de experiência. 2019

NASCIMENTO, Victória Laís da Silva. **Alunos com deficiência visual no ensino regular e o seu processo de ensino-aprendizagem**. 2019. Monografia (Curso de Pedagogia) - Universidade Estadual do Maranhão, São

Luís. 2019. Disponível em: <http://www.pedagogia.uema.br/wp-content/uploads/2020/02/VICT%C3%93RIALA%C3%8DS-DA-SILVA-NASCIMENTO.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2024.

NORA, P.; VASSEUR, F.C. A Percepção dos Deficientes Visuais em Atrativos Turísticos: O caso da Igreja de São Pelegrino. **Anais do VII Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul**, p.3-4. 2012.

OLIVEIRA, J. C. et al. Sinais sonoros de trânsito: uma revisão da literatura sobre acessibilidade urbana. **Revista Brasileira de Engenharia de Tráfego**, v. 18, n. 1, p. 34-47. 2020.

OLIVEIRA, J. M. et al. Tecnologias assistivas para leitura em braille: uma revisão sistemática. **Revista de Tecnologia e Inclusão Social**, v. 7, n. 1, p.45- 58. 2021.

OLIVEIRA, R. F. et al. Manutenção de piso tátil em áreas urbanas: desafios e perspectivas. **Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade**, v. 8, n. 2, p. 6778. 2021.

PACITTI, Mirella Horvate. **Jogo de tabuleiro adaptado e estudantes com baixa visão no ensino remoto**: aprimoramento de habilidades perceptomotoras no contexto da imaginação. 2022. Dissertação (Mestrado) -

UNESP, PresidentePrudente. 2022.Disponível em:
<https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/85206470-9be14370-37f95b0cf780/content>. Acesso em: 20 mar. 2024.

QUIGLEY, H. A.; BROMAN, A. T. The number of people with glaucoma worldwide in 2010 and 2020. **British Journal of Ophthalmology**, v. 90, n. 3, p. 262-267, 2019.

ROSENFELD, P. J. et al. Anti-vascular endothelial growth factor therapy for neovascular age-related macular degeneration: recent developments. **Ophthalmology**, v. 127, n. 5, p. 667-676, 2020.

SANTOS, M. A. et al. Desafios da inclusão de alunos com deficiência visual na educação física escolar. **Revista Educação Inclusiva**, [S.l.], v. 10, n. 2, p. 45- 58, 2019.

SILVA et al. **Campeonato escolar e deficiência visual: o discurso dos professores de educação física**. 2011.

SILVA, A. B. et al. Piso tátil: uma análise da eficácia na orientação de pessoas com deficiência visual. **Revista de Engenharia Civil e Meio Ambiente**, v.17, n.3, p.23-135. 2020.

SILVA, Luana Rose da. **Acessibilidade e legislação no Brasil**. 2021. Monografia (Tecnólogo em Gestão pública) - Instituto Federal de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em:

<https://repositorio.ifsp.edu.br/server/api/core/bitstreams/cb9e6a97-c07e-4b58-82f9c3d8a0a4cf95/content>. Acesso em: 20 mar. 2024.

SILVEIRA, Tatiana dos Santos da. **Deficiência Visual: fundamentos e metodologias**. Indaial: UNIASSELVI, 2009.

TORTORA, Gerard J.; NIELSEN, Mark T. **Princípios de anatomia humana**. 12.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.

YANG, K. et al. Primary open-angle glaucoma: recent advances in disease mechanisms and therapeutic approaches. **Experimental Eye Research**, v. 201, 108322, 2020.

XIONG, Y. et al. Neural processing of visual information: past, present, and future directions. **Neuroscience Bulletin**, v. 37, n. 5, p. 558-572, 2021.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo de nossa vida, e não somente nestes anos como universitários, mas que em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer.

Ao Centro Universitário Brasileiro pela oportunidade de fazer o curso.

A nossa orientadora Jéssica Gomes Gonçalves, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

A nossa família, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da nossa formação, o nosso muito obrigado.